

Manifestações em Fortaleza e as Mudanças no Discurso da Cobertura Jornalística de O POVO¹

Aline Lima e SILVA²

Nina Ribeiro MATOS³

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

RESUMO: Junho de 2013 estava previsto para ser o mês da Copa das Confederações no Brasil. Porém, de forma inesperada, as manifestações organizadas por todo o país desafiaram a mídia convencional a conciliar a cobertura jornalística do que acontecia nos gramados à cobertura do que acontecia nas ruas. Considerando as manifestações realizadas também em Fortaleza, este artigo visa identificar como o jornal O POVO, periódico tradicional da cidade, aborda tais acontecimentos e como define os sujeitos neles diretamente envolvidos, os manifestantes. Fazendo uso da análise do discurso como metodologia, foram analisados textos de 4 matérias publicadas no periódico referentes a 4 protestos ocorridos na capital cearense na semana de 17 a 22 de junho de 2013.

PALAVRAS-CHAVE: manifestações; análise do discurso; jornal O POVO; cobertura jornalística

INTRODUÇÃO

Transmitir informação é um fenômeno humano e social que depende intrinsecamente da linguagem. Segundo Charaudeau (2009), a linguagem se refere tanto aos signos que compõe uma língua quanto ao sistema de valores associados ao uso desses signos que variam de acordo com as circunstâncias de comunicação. Deste modo, a informação é vista como um processo de produção de discurso, sendo, portanto, considerada uma enunciação cujo sentido dependerá do conhecimento de mundo dos interlocutores e do contexto no qual está inserida. O autor destaca que, embora a mídia seja vista como um *organismo especializado*⁴, cujo objetivo é “responder a uma demanda social por dever da democracia”, ela segue uma lógica comercial, ou seja, é uma empresa que trabalha para atender um interesse diferente do serviço da democracia.

O imperativo de captação a obriga a recorrer a sedução, o que nem sempre atende à exigência de credibilidade que lhe cabe na função de “serviço ao cidadão” - sem mencionar que a informação, pelo fato de referir-se aos acontecimentos do espaço público político e civil, nem sempre estará isenta de posições ideológicas. (CHARAUDEAU, 2009)

¹ Trabalho produzido para o XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 7 de setembro de 2013.

² Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Jornalismo da UFC, email: alinesilva@ymail.com

³ Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Jornalismo da UFC, email: ninaribemat@gmail.com

⁴ Destaque feito pelo autor

Sendo o Brasil um país onde o futebol tem um importante espaço na sociedade, a cobertura de eventos esportivos relacionados este esporte sempre ganharam destaque na mídia nacional, muitas vezes camuflando assuntos considerados mais relevantes para crescimento sociopolítico do país. Neste ano, por exemplo, a realização da Copa das Confederações, vista como um ensaio para a Copa do Mundo de 2014, já mobilizava os meios de comunicação para uma cobertura de entretenimento eficiente.

Entretanto, o assunto que tradicionalmente ocupava as manchetes, dando o devido destaque para a editoria de esportes, foi posto em segundo plano para dar espaço às diversas manifestações que ocorreram em todo o Brasil. O campeonato esportivo acabou servindo como pano de fundo dos protestos, dificultando o trabalho da imprensa, visto que ela também era alvo de críticas. A tentativa de passar informação à sociedade de forma atrativa e que a satisfizesse, sem no entanto sair da linha editorial, era o principal desafio enfrentado pela mídia no país.

Tradicionalmente, o dever de cobrir eventos esportivos é das editorias de esporte nos meios de comunicação, e elas se preocupam mais em entreter e agradar os torcedores de futebol a informar sobre assuntos mais burocráticos, como os gastos para a realização de uma Copa ou de uma edição das Olimpíadas no país, por exemplo.

Em Fortaleza, a situação não foi diferente e a forma como a mídia passou a abordar esta nova realidade trouxe inúmeros questionamentos à sociedade, seja pela mudança de posição ao longo da cobertura ou pela simplicidade na forma como abordaram o fato. Assim, este trabalho se propõe a analisar como o jornal O POVO, um dos principais veículos de informação do Ceará, á, abordou as manifestações em Fortaleza, tendo como base as mudanças de discurso ao longo da cobertura.

Para isso, foram analisadas as 5 matérias publicadas no veículo, referentes às principais manifestações em Fortaleza, ocorridas nos dias 17 (primeiro protesto na cidade), 19 (primeiro jogo do Brasil no Castelão), 20 (protesto realizado em frente ao Palácio do Governo) e 27 (jogo da Itália contra a Espanha) de junho. O objetivo foi observar, segundo os conceitos de polifonia e condições de produção da Análise do Discurso (AD) de linha francesa, se ocorre mudança no tratamento dos manifestantes e como a opinião do jornal, representada pela linha editorial, é apresentada nas matérias.

Fundado em 1928 por Demócrito Rocha, o jornal O POVO trouxe no primeiro editorial o propósito de "defender os interesses da sociedade contra as oligarquias dominantes", e de "levar o desenvolvimento ao Ceará". Hoje é um dos principais jornais do Ceará, com uma tiragem média de 25.437 exemplares e uma estimativa de 17.402

assinantes nos dias úteis da semana, enquanto aos domingos a média de exemplares é 40.215 e 29.146 de assinantes, de acordo com os dados apurados em maio de 2013 pelo Instituto Verificador de Circulação.

Em 1989, o Conselho Editorial do jornal elaborou a Carta de Princípios do O POVO com os pressupostos que regem a atual linha Editorial. De acordo com o documento, o jornal

fundamenta seus objetivos e as condições do pleno exercício da sua missão no reconhecimento do papel superior da Imprensa, posta a serviço da verdade, na defesa da livre manifestação das ideias, do princípio da divergência e do espírito crítico, como condição da preservação das prerrogativas democráticas da cidadania. (Carta de Princípios do O POVO)

OS INVESTIMENTOS EM FUTEBOL NUM PAÍS DE INSATISFAÇÕES

De acordo com a linha francesa da Análise do Discurso (AD), a condição de produção de um enunciado é fundamental para que um discurso possa ser produzido e compreendido. Possenti (2004) explica que a condição de produção está relacionado ao contexto no qual o enunciado foi construído, sendo formado por fatores históricos, ideológicos, sociais e culturais, por exemplo. Desta forma, o discurso só adquire significado quando se considera o contexto histórico envolvido em sua produção e tudo o que já foi dito e ainda é dito em relação ao tema.

Machado (2006) destaca que o contexto no qual o leitor/receptor se insere também é importante para a compreensão de um enunciado, de modo que este pode apresentar um significado diferente do pretendido se interpretado em um contexto diferente. A esse fator, a autora chama de intersubjetividade. Tende esse conceito em mente, analisou-se o contexto no qual as manifestações se inserem.

A expressão “Brasil, o país do futebol” é conhecida dos brasileiros faz pouco mais de 50 anos. De acordo com Banchetti (2009), foi na primeira década desse novo milênio que se percebeu o futebol sendo cada vez mais encarado como um lucrativo negócio por certos sujeitos da sociedade. Uma grande interessada nesse negócio, notadamente, é a mídia.

Em 2007, após o Brasil ter sido anunciado sede da Copa das Confederações de 2013 e da Copa do Mundo de 2014, os primeiros passos dos grandes grupos de comunicação brasileiros foram correr logo atrás de vantagens/prestígio: direitos de transmissão das partidas e contratos com grandes patrocinadores. Antes de se iniciar a Copa das Confederações, realizada de 15 a 30 de junho de 2013, canais de televisão, jornais

impressos, portais de notícias na internet e frequências de rádio já começavam a veicular conteúdo acerca dos preparativos para o grande evento.

Se os grandes grupos haviam conquistado prioridade, os menores não deixaram por menos e deram seu jeitinho de acompanhar o ritmo da cobertura esportiva “quase 24 horas”, oferecendo ao público, para começar, análises sobre a convocação da Seleção Brasileira. Tudo isso, segundo Gastaldo (2009), acontece porque

O interesse social pelo futebol no Brasil durante a Copa é apropriado pela mídia, que, em princípio, atende a uma “demanda social” pré-existente, produzindo peças de comunicação e criando um circuito de produção e consumo motivado pelo evento em curso, no qual se inserem, além da cobertura dos jogos, cadernos especiais nos jornais e revistas, longas matérias nos telejornais, programas diversos com a temática da Copa, anúncios publicitários, etc [...]. (GASTALDO, pág. 362, 2009)

A imprensa, assim, acorda todos os detalhes com bastante antecedência e cuida em situar sua audiência a respeito do cronograma de atividades de realização da Copa e planeja seu expediente em boa parte dedicado ao pré, durante e pós campeonato.

Dessa vez, no entanto, mudanças tomaram espaço nesse calculado roteiro. Enquanto parte da população começava a dar vazão a especulações em torno de uma vitória verde e amarela, deixando-se tomar por expectativas e por um sentimento de amor à pátria - estranho e vazio nos últimos tempos -, em São Paulo uma série de manifestações pela redução da tarifa do transporte coletivo era iniciada, com o Movimento Passe Livre (MPL) em liderança, do dia 6 de junho em diante.

A ida dos insatisfeitos às ruas fez emergir não uma Polícia Civil, mas uma Polícia Militar bastante ostensiva e despreparada para lidar com grandes aglomerados em protestos civis. Muitas pessoas foram atingidas gratuitamente com balas de borracha e gás lacrimogêneo e as cenas de terror registradas por todos, cinegrafistas amadores e mídia convencional - bem menos pela mídia - percorreram o Brasil inteiro com o auxílio das redes sociais na internet.

A violência indiscriminada praticada pelos policiais contra os manifestantes na capital paulista desencadeou indignação geral. No dia 17 de junho, em Fortaleza, especulou-se que de quinhentas a mil pessoas (não há números oficiais), maioria de jovens estudantes, realizaram o “Ato anticapitalista de repúdio à repressão policial do Estado”, um protesto pelo centro de Fortaleza em apoio às vítimas dos confrontos com a polícia no sudeste. A manifestação agregou à causa críticas aos gastos públicos destinados a obras milionárias de estádios nas cidades-sede dos jogos da Copa das Confederações no Brasil e culminou com a

ida dos manifestantes até o hotel onde a Seleção Brasileira de Futebol estava hospedada em Fortaleza, aguardando para disputar partida oficial, no dia seguinte, no estádio Arena Castelão.

A partir daí foram quatro atos no decorrer da semana, tendo o maior deles em número e repercussão reunido entre 15 e 30 mil pessoas (números não oficiais), próximas a um dos acessos que leva ao Arena Castelão, no dia 19 de junho (jogo entre Brasil e México).

Os protestos iniciais em São Paulo pelo preço da passagem de ônibus acabaram injetando coragem e atitude no estado de insatisfação e descontentamento popular com o cenário de precariedades na saúde, educação, segurança e em outros setores do Brasil. Em Fortaleza, como em outras muitas cidades, a insatisfação deixou de estar acomodada.

MOVIMENTOS SOCIAIS NO BRASIL E COBERTURA MIDIÁTICA

É comum que produções da mídia brasileira sobre movimentos sociais sejam recebidos com polêmica na academia. Há pesquisas em comunicação que concluem estarem diante de textos de fidelidade comprometida acerca do real descortinar de atos de reivindicação. Segundo Volanin (2010), isso se explica porque

A mídia tem como função ideológica em relatar a realidade imediata, mas, devido a interesses do mercado ou interesses políticos em que os proprietários desta mídia estão inseridos, os fatos, principalmente em relação às iniciativas, aos movimentos sociais são recriados, fazendo com que a sociedade os identifique como falsos sujeitos sociais. (VOLANIN, 2010)

Alguns estudos, inclusive, são motivados pela suspeita de que a mídia criminaliza determinados movimentos. O relatório “Vozes Silenciadas”, publicado em 2011 pelo Intervozes - Coletivo Brasil de Comunicação, analisou 301 matérias produzidas nas plataformas de impresso e TV que citaram o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) no decorrer de uma Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI), no Congresso Nacional, da qual foi alvo o Movimento. Entre as conclusões, consta o número de 192 termos negativos diferentes verificados nas matérias jornalísticas para se referirem ao MST, como “invasão” e derivados (invasores, invadir, etc). Ainda segundo Mourão (2011), “a maioria dos textos do universo pesquisado cita atos violentos, o que significa que a mídia faz uma ligação direta entre o Movimento e a violência”.

Porém, para se falar especificamente em cobertura jornalística de movimentos sociais, é essencial recuperar o conceito de “movimento social”. Desde Marx, muitas reflexões surgiram sobre tal conceito. Lakatos, em Volanin, diz que eles “derivam das insatisfações e das contradições existentes na ordem estabelecida, originam-se em uma parcela da sociedade global e apresentam certo grau de organização e de continuidade” (LAKATOS apud VOLANIN, 2010).

Trazendo para o cenário das manifestações brasileiras narradas anteriormente, o conceito de Lakatos pode ser aplicado ao reconhecermos nelas um produto de insatisfações e contradições sociais. No entanto, surge um impasse na aplicabilidade quanto ao grau de organização dos protestos de junho, por exemplo. Eles não apresentaram unidade de pautas, e sim uma ampla diversidade de reclamações expostas pelos manifestantes de forma simultânea. E é notório que, após o término da Copa das Confederações 2013, os atos de protesto nas ruas passaram a ter menor expressão pelo Brasil.

Com milhares nas ruas caminhando sob a vontade de todos e de ninguém, os meios de comunicação como um todo encontraram um desafio. Muitos jornais foram acusados pelo público de produzirem, em um dado momento, material jornalístico reducionista ao dividir as ruas entre manifestantes “pacíficos” e “vândalos”, com capacidade de criminalizar o movimento.

O diretor de redação do jornal O Globo, Ascânio Seleme, expôs em entrevista cedida ao programa Observatório da Imprensa, da rede TVE, alguns motivos pelos quais a cobertura jornalística de seu veículo encontrou dificuldades:

Você não tem líderes, porta-voz e as demandas são inúmeras. Você não pode eleger uma [delas], embora nesse caso tivesse uma demanda inicial que foi a diminuição [do preço] das passagens de ônibus, ou simplesmente a eliminação de qualquer tarifa de transporte coletivo. (para Observatório da Imprensa, em 25/06/2013.)

As características das manifestações na fala do jornalista explicitam diferenças do que se espera, no senso comum, como sendo o perfil de uma movimentação civil organizada. Denota o aspecto inédito dos eventos protagonizados pelo povo brasileiro, capaz de atordoar o universo das notícias que não dispõe de tempo para reflexões mais profundas para interpretar, uma vez que tem como lei maior servir ao imediato.

A POLIFONIA COMO ESCUDO DO ENUNCIADOR

O conceito de polifonia, concebido por Bakhtin para estudar obras literárias romanescas, é hoje comumente empregado na análise de enunciados em que se percebe a fala de vários sujeitos em ocorrência ao mesmo tempo. Possenti (2004) reproduz o significado dado por Courtine (1981) para a polifonia como sendo

o lugar no qual se constituem, para um sujeito falante que produz um sequência discursiva dominada por uma FD [Formação Discursiva] determinada, os objetos de que esse sujeito enunciator se apropria para fazer deles objetos de seu discurso, bem como as articulações entre esses objetos, pelos quais o sujeito enunciator vai dar uma coerência a seu propósito. (COURTINE, 1981)

Maingueneau (1984), ainda em Possenti (2004), fala numa noção de interdiscurso com três dimensões: o universo discursivo, abarcando a variada gama de Formações Discursivas em interação num certo panorama; o campo discursivo, em que as FD's relacionadas se definem no universo discursivo em uma mesma temática; e o espaço discursivo, conjuntos menores e adjacentes de FD's relevantes para uma análise objetiva.

O fenômeno da polifonia é frequente nos textos jornalísticos, uma vez que podemos encontrar falas de fontes em coexistência com a fala do próprio jornalista, o enunciator que primeiro identificamos. Maingueneau (2011) denomina essa voz do autor de “discurso citante”, as vozes das fontes de “discurso citado” e explica ainda que nas produções jornalísticas o discurso citado é mais utilizado por conferir maior distanciamento do jornalista (enunciator) e transmitir a sensação de um texto mais livre de interferências do autor, mais objetivo e até mesmo mais oral. O discurso direto, ou “citado” de Maingueneau (2011), isenta o enunciator da responsabilidade de enunciação, já que esta é reconstituída pelo relato de um sujeito secundário.

ANÁLISE

Ao longo da cobertura, o jornal O POVO criou uma seção especial no editoria de política com a denominação *Brasil nas ruas* para abordar as manifestações que ocorriam em todo o Brasil, tendo os acontecimentos locais em destaque. No decorrer das matérias foi observada uma mudança de discurso em relação aos manifestantes, conforme aumentava os confrontos com a polícia.

Na reportagem *Protesto em Fortaleza reúne centenas de manifestantes*⁵, referente à primeira manifestação ocorrida na cidade, os envolvidos são denominados apenas por manifestantes, participantes ou grupo, quando a intenção era abordar as pessoas como um todo, pertencentes a um único grupo. Embora sem muita ênfase, é possível perceber nas entrelinhas a desorganização dos manifestantes em não ter uma liderança e/ou um planejamento melhor do percurso a ser tomado. Essa característica aparece nos trechos “A ideia original era se dirigir ao PV (...)”, “(...) decidiu-se então tomar algumas ruas do Centro” e “sem liderança que orientasse o movimento, não havia um destino final pré-definido”. A manifestação, denominada também de protesto e movimento, era vista como algo inocente, uma “expressão pacífica” nas próprias palavras da matéria.

A segunda manifestação ocorreu no dia 19 de junho, no segundo jogo da seleção brasileira. Este foi um dos principais protestos devido a quantidade de pessoas mobilizadas durante um jogo do Brasil (nº exato não divulgado pelas autoridades) e à ação policial contra os manifestantes. O evento fez parte de uma organização de âmbito nacional e foi responsável por desbancar o jogo como pauta principal nos noticiários para dar espaço às diversas manifestações em todo o país. No dia seguinte, a cobertura em Fortaleza feita pelo jornal O POVO ganhou a manchete que levava o título *Clima de Guerra no entorno do Castelão*⁶. Expressões como “clima de guerra” e “conflito mais violento”, presentes no título e no abre, causam um impacto no leitor ao quebrar a ideia de um movimento pacífico. As manifestações ganham um novo sentido: o de conflituosas, observado no trecho “Enquanto torcedores festejavam gols de Jô e Neymar, milhares de pessoas enfrentavam clima de terror nas avenidas de acesso ao estádio.”.

A matéria mostra a oposição entre o direito de ir e vir e a negação desse direito por parte dos policiais, colocando em cheque o conceito de liberdade. Desta forma, o repórter enfatizou o clima pacífico inicial e coloca a ação da polícia como algo desproporcional e como principal responsável pelos conflitos. A ação dos manifestantes, nesse contexto, foi de certa forma legitimada. Para se referir aos detidos, o jornal é cauteloso em utilizar as aspas da delegada no trecho “(...) três pessoas foram detidas por 'incitar, publicamente, a prática de crime’”, para justificar as detenções. O objetivo das aspas foi isentar o jornal dessa opinião e, de certa forma, criticar a posição policial.

A cobertura da manifestação ocorrida no dia 20 de junho, no Palácio do Governo do Estado do Ceará, foi um marco no discurso assumido pelo jornal. Logo na capa, havia uma

⁵ Disponível em: <http://www.opovo.com.br/app/opovo/cotidiano/2013/06/18/noticiasjornalcotidiano.3076414/protesto-em-fortaleza-reune-centenas-de-manifestantes.shtml>

⁶ Disponível em: <http://www.opovo.com.br/app/opovo/politica/2013/06/20/noticiasjornalpolitica.3077679/clima-de-guerra-no-entorno-do-castelao.shtml>

divisão entre os manifestantes que “exerciam sua democracia” e os que “buscavam vandalismo”. Nos textos não foi diferente. O jornal trouxe duas matérias voltadas para o protesto, de modo que uma (*Um grito de esperança*⁷) estava direcionada para os “manifestantes pacíficos” enquanto a outra (*Confronto nos domínios do Palácio*⁸), para os “vândalos”.

Em *Um grito de esperança* a posição editorial é marcada logo no abre com o trecho “(...) o que se viu ontem (antes da chegada do vandalismo) foi um grito de esperança”, ressaltando que o jornal apoia as manifestações desde que sejam as consideradas pacíficas. Embora, mais uma vez coloque em cheque a falta de orientação do movimento, faz isso de forma leve, sem agregar uma imagem negativa ao movimento. Nessa matéria, o confronto com a polícia é citado em um parágrafo, mas sem destaque.

A situação muda, entretanto, com a matéria *Confronto nos domínios do Palácio* na qual as ações violentas são o foco. O próprio abre já traz essa marca com expressões “grupo tenta invadir a sede do Governo”, “Choque e Cavalaria são acionados para conter excessos.” e “Manifestantes vão vândalos, pedem paz e vão embora”. Esta última enfatiza uma ruptura entre os próprios manifestantes: os legitimados, que clamam por paz, e os exaltados, que buscam violência. Essa divisão no grupo é enfatizada ao longo de toda a matéria, construindo um maniqueísmo entre os manifestantes. A polícia é mostrada sempre como alguém que revidou, nunca como responsável pelo início do confronto, enquanto o grupo “exaltado” é denominado “dissidentes inflamados”.

Com a matéria *Manifestantes bloqueiam aeroporto*⁹, publicada no dia 24 de junho, o jornal fez a cobertura da manifestação ocorrida durante o jogo da Nigéria contra a Espanha. Comparado com o protesto anterior, um número menor de pessoas participaram do evento enquanto que a violência aumenta. A matéria foca nos prejuízos provenientes das manifestações, o bloqueio do acesso ao aeroporto e ações como a queima de pneus na avenida Bernardo Manuel.

Embora a matéria não traga denominações como vândalos ou baderneiros, referindo-se aos manifestantes, pela primeira vez aparece uma referência negativa a eles, vinda da própria população e não da polícia. O interessante é que o repórter coloca a fala do taxista, cujo trabalho foi prejudicado, no discurso direto, mantendo o tratamento dispensado

⁷ Disponível em: <http://www.opovo.com.br/app/opovo/politica/2013/06/21/noticiasjornalpolitica.3078262/um-grito-de-esperanca.shtml>

⁸ Disponível em: <http://www.opovo.com.br/app/opovo/politica/2013/06/21/noticiasjornalpolitica.3078255/confronto-nos-dominios-do-palacio-da-abolicao.shtml>

⁹ Disponível em: <http://www.opovo.com.br/app/opovo/politica/2013/06/24/noticiasjornalpolitica.3079579/manifestantes-bloqueiam-aeroporto.shtml>

aos manifestantes: “vagabundos”. Essa fala, inclusive faz um contraste com a citação anterior feita por um dos manifestantes “a gente tá fazendo isso por eles também”. Então percebe-se que, embora o jornal não legalize mais as ações do grupo como antes, ele também não as desqualifica, de modo que os manifestantes são divididos em dois grupos: os que querem e os que não querem confusão. A ação daqueles, inclusive “assustou” a vizinhança, fato comprovado pela fala da fonte que descredibiliza a ação: “É uma baderna”.

Por fim, a matéria *Novo protesto em Fortaleza é marcado por cenas de violência*¹⁰, referente à cobertura da manifestação realizada no dia 27 de junho durante o jogo da Espanha contra a Itália, ressalta a opinião do jornal que, aos poucos, foi aparecendo nas duas últimas matérias. O cenário de violência é destacado na retransmissão, título e abre, de modo que o leitor consegue visualizar uma situação extrema. Neste momento, o maniqueísmo inicial se inverte e os policiais, visto a princípio como “vilões” devido a ação desproporcional agora são vitimizados diante de um “pequeno grupo” que incitava a violência.

Pela primeira vez o jornal chama essa parcela de manifestantes de “vândalos” ou “grupo mais exaltados” ao longo da cobertura sem utilizar as fontes para isso e fortalece esse discurso ao listar as consequências dessas ações: “92 apreendidos, vários feridos, um carro de emissora queimado (...) além de muita destruição nas ruas”. A divisão dos manifestantes entre bons (pacíficos, legítimos) e maus (vândalos, não dignos) é reforçado em alguns trechos, como “(...) foi reprimido pelos próprios manifestantes, que pregavam um movimento pacífico.” e “Mas não teve jeito”. A fala do promotor do Ministério Público, “Só quando houve o avanço em cima da barreira é que houve reação da Polícia”, é utilizada para dar credibilidade a esse discurso, visto que a autoridade estava lá para fiscalizar os possíveis abusos cometidos pela polícia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No primeiro dia de manifestações, nem a população fortalezense, nem o jornal O POVO sabiam muito bem do que se tratava, quais os objetivos concretos do movimento. Na análise feita, notou-se um gradual processo de construção de identidade dos protestos e dos manifestantes. Ao considerarmos detalhes simples, como a primeira reportagem sobre a série de manifestações ter sido publicada no caderno “Cotidiano” e as posteriores no caderno “Política”, por exemplo, nota-se por parte do meio de comunicação o

¹⁰Disponível em: <http://www.opovo.com.br/app/opovo/politica/2013/06/28/noticiasjornalpolitica.3082418/novo-protesto-em-fortaleza-e-marcado-por-cenas-de-guerra.shtml>

reconhecimento da natureza do fato em cobertura (não apenas um evento civil, mas político).

À medida que os dias passaram, a massa nos protestos foi deixando de ser uniforme para se tornar diversa aos olhos dos repórteres cujos textos foram analisados. Enquanto nas primeiras matérias publicadas os responsáveis por atear fogo em carros foram denominados “manifestantes”, num segundo momento os mesmos atos passaram a ser considerados vandalismo, ações “de um pequeno grupo de vândalos”, e ainda “de um grupo mais exaltado”.

Inicialmente, os textos consideram determinados atos como formas legítimas de protesto, de manifestar insatisfação. Depois, as matérias deslegitimam essas ações como se incorporassem o discurso dos manifestantes que condenavam os atos mais agressivos ou ousados por parte de alguns.

Através do conceito de polifonia, o jornal utiliza inicialmente citações de fontes para camuflar e depois confirmar seu posicionamento editorial. Esta é uma forma de mostrar ao leitor que o veículo é imparcial, ou que, pelo menos, tenta ser.

Uma hipótese para que o jornal tenha empregado o termo “vândalos” em referência aos manifestantes que atearam fogo, quebraram vidraças e picharam muros pode ser tecida a partir de analogia ao conceito de contexto da AD e sua importância para a assimilação do discurso. O jornal interpreta os atos sem considerá-los inseridos no contexto de uma manifestação popular livre motivada por insatisfações sociais, produzindo, assim, uma análise descontextualizada nas matérias. Válido observar que o próprio O POVO está situado do lado de fora desse contexto, o jornal não faz parte do grupo dos manifestantes, e talvez esse detalhe indique a razão pela qual o veículo não é capaz de assimilar a totalidade de sentimentos e expectativas dos integrantes do grupo “manifestantes”, incluindo aqueles que poderiam dar pistas de porque pichar o espaço público faz sentido como ato de protesto.

Sem dúvida, não se pode generalizar e afirmar que todos os manifestantes simpáticos a atos desse tipo o façam com o propósito de protesto político, pois manifestações civis com milhares de pessoas estão expostas a interferência de oportunistas interessados em extravasar a adrenalina por cometer infrações, ou em tirar vantagem da chance de se fazer saques, ou fazer baderna gratuita. Não há como blindar protestos da magnitude testemunhada neste mês de junho, principalmente ao considerarmos o fato de não haverem lideranças, nem organização que esquematizassem o roteiro das caminhadas e

também a ausência de instituições de segurança, agindo em parceria com os manifestantes para garantir controle e critério nas ações do grupo.

REFERÊNCIAS

BANCHETTI, Luciano Deppa. **Futebol e imprensa: paixão e negócio** in ; ponto-e-vírgula, 6: 252-266, 2009. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/ponto-e-virgula/n6/artigos/pdf/pv6-19-lucianodeppa.pdf>>.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. Tradução de Angela M. S. Corrêa. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2009. 288 p.

DINIZ, Lilia. A mídia atordoada pelo movimento. **Observatório da Imprensa**, Campinas, ed. 752, 2013. Disponível em:
<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/a_midia_atordoada_pelo_movimento>. Acesso em 01 de julho de 2013.

GASTALDO, Édison. “**O país do futebol**” mediatizado: mídia e Copa do Mundo no Brasil in Sociologias, Porto Alegre, ano 11, nº 22, jul./dez. 2009, p. 352-369. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/n22/n22a13.pdf>>.

GASTALDO, Édison. **Crônicas da pátria amada: futebol e identidades brasileiras na imprensa esportiva** in ANTROPOLÍTICA, Niterói, n. 19, p. 147-163, 2. sem. 2005. Disponível em: <<http://comunicacaoesporte.files.wordpress.com/2010/10/cronicas-da-patria-amada-futebol-e-identidades-brasileiras-na-imprensa-esportiva.pdf>>

MACHADO, Marcia Benetti. **Jornalismo e perspectivas de enunciação: uma abordagem metodológica**. Intexto. Porto Alegre, janeiro/junho 2006. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/4251/4475>>. Acesso em: 28 maio 2012.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. Tradução de Cecília P. de Souza-e-Silva, Décio Rocha. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2011. 240 p.

POSSENTI, Sírio. **Teoria do Discurso: um caso de múltiplas rupturas**. In: MUSSALIM, Fernanda et al. Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos. São Paulo: Cortez, 2004. Cap. 10, p. 353-392. (3).

VOLANIN, Leopoldo. **Poder e mídia: a criminalização dos movimentos sociais no Brasil nas últimas trinta décadas**. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/760-4.pdf>>.

MOURÃO, Mônica (pesquisa e redação). **Vozes Silenciadas - A cobertura da mídia sobre o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra durante a Comissão Parlamentar Mista de Inquérito**. São Paulo: Intervezes - Coletivo Brasil de Comunicação, 2011. 61p. Disponível em: <



http://www.intervozes.org.br/publicacoes/livros/vozes-silenciadas/VozesSilenciadas_Final_1009.pdf>.